

O Momento Esportivo Carioca

Pelo 1.º Ten. MILTON CAMPELO NOGUEIRA

O futebol, senhor absoluto, perde terreno para os seus vassallos!

Pouco a pouco, decresce o entusiasmo que arrastava às canchas a multidão ansiosa por uma bela peleja, a multidão que, em cada parcela, representava um átomo de seu clube, um esforço em seu benefício, uma esperança em seu futuro!

O esporte interessava a todos.

As praças de jogos fremitavam de gritos másculos e bafejos femininos. A mulher, com a graça e a policromia de suas vestes alegres, enchia de esplendor os gramados dos campos.

O amadorismo conseguia esse encanto.

O sentimento do "todos por um" e "do um por todos" fez assim nascer e crescer os grandes clubes.

Este espírito fugia, em certos casos, das sedes sociais, penetrando na família. Todos vibravam: desde o filho mais moço ao chefe da casa. Não seria de admirar que até os criados tomassem parte nas exclamações.

Os domingos eram alvoroçadamente esperados e o almoço vinha para a mesa mais cedo.

Saíam todos.

Grupos apressados dirigiam-se para os grandes jogos da tarde. Marchavam aos magotes, fluminenses, botafoguenses, vilasbelaenses, sanristovenses, americanos, vascaínos, cariocas e tantos outros.

Quantos já não tinham ido assistir aos terceiros teams pela manhã!

Quantos não almoçavam no próprio clube ou faziam "uma boquinha" nos cafés mais próximos, nas rodas de amigos!

Quantos!

Que falar dos "renitentes", computando as tabelas, medindo por todos os lados as possibilidades das suas cores, enquanto aguardavam os jogos principais?

Os domingos eram os dias do futebol e da torcida geral!

Não fosse o clube uma preocupação familiar!

Assim foram os dias da nossa infância e da nossa juventude: garotos, jogávamos bolas de meias nos fundos dos quintais, ou no meio da rua, quando "a velha estava sopa"; rapazes, batíamos bola no clube, na esperança de sermos um dia aplaudidos, como aplaudíamos nossos amigos.

Assim se fizeram os Manos, os Cantuárias, os Marcos, os Pindaros, os Kuntz, os Martins!

Assim foi o futebol entre nós!

Assim sempre foi o amadorismo!

Chega o profissionalismo.

Com ele, o desânimo, o descredito, o enfraquecimento do esporte máximo, como está no domínio geral.

Os que faziam o esporte por esporte foram obrigados a fugir dos gramados que tantas vezes pisaram, ante a incompatibilidade da nova forma com sua projeção social: perdia-se o melhor elemento.

Arrefecido o entusiasmo da torcida, os clubes passaram a ser um acidente, como quaisquer outros da sociedade humana: extinguiu-se o sentimento de cooperativismo do "todos por um" e do "um por todos".

Desligado o futebol das preocupações familiares, a mulher não mais compareceu aos campos com o cunho tão característico dos áureos tempos; não mais se acreditou em infelicidade ou falta de chance; exigiu-se o esportáculo de acordo com o preço; como isto não pôde ser viável, surgiram os conchavos e os campeonatos intermináveis abriram-se a cada canto, para saclar os grandes esportistas; desertou a torcida e nasceu a dissidência.

Enquanto tudo isto se passava, o verdadeiro esporte, o esporte na acepção cristalina da palavra, alentonou raízes em terrenos mais propícios.

O basquete, o remo, a natação, o atletismo, o tennis, o ciclismo, o automobilismo, todos, até então dominados pelo futebol amadorista, sentiram-se libertados e viram suas fileiras aumentarem dia a dia com os desertores do profissionalismo e da mocidade das novas gerações que com ele estavam impossibilitadas de uníam.

Lento a princípio, apoteótico por fim, vibra de novo o povo esportivo carioca. Revivem os clubes e o ardor dos seus aficionados. Retorna o esporte ao seio da família. Ressurge a mulher incentivando os concorrentes. Discute-se. Vai-se para a piscina às seis horas, quando a competição só tem começo às nove. As quadras de tennis e de basquete, muito antes dos jogos, ficam repletas. Ruma-se para a distante Lagoa Rodrigo de Freitas, como se partia para Bangú. Procuram-se atalhos para a Volta da Gávea, pois que desde madrugada as mais distantes artérias têm o trânsito impedido.

É este o momento esportivo na Capital da República!

Dizer-se que o esporte está moribundo é dizer que o futebol passou para trás. Nunca o esporte esteve tão difundido entre nós, como está agora.

Esta é a verdade!

As lutas sucessivas que o futebol sofreu dentro de si, e ainda sofre, durante este período de experimentação profissionalística, definham-no, provocando o êxodo dos últimos grandes maneijadores da pelota e retardando o aparecimento de novos, que só o amadorismo pode fazer surgir.

O profissionalismo apenas aproveitou o que já está feito.

Ninguém vai perder tempo em praticar o futebol ou outro qualquer esporte na ilusão de ser um dia contratado. E si houver alguém, será, e lógico, tão insignificante em número, que não bastará para uma seleção eficaz.

Para que o profissionalismo possa existir, é preciso que uma escola gratuita esteja sempre atenta a seus alunos. Incontestavelmente, tudo por tudo, tal escola sempre foi o amadorismo. Na falta desta, é que reside todo o mal do profissionalismo como aqui foi feito.

Sendo a sociedade dos clubes fundadores do profissionalismo essencialmente amadorista, a melhor solução, já que o profissionalismo se tornara imperioso, seria criá-lo, pondo, porém, num plano secundário em relação a massa amadorista existente, de modo que, lançada a semente, frutificasse por si mesma até o nascimento de clubes puramente profissionais. Nunca deveríamos ter agido como agimos, pondo à margem, quasi que por completo, o amadorismo que era a razão de ser desses mesmos clubes.

Isto traria ainda a vantagem de deixar o público ao sabor das suas próprias inclinações, sem nenhum prejuízo para o futebol, que continuaria sendo a maior atração esportiva desta cidade, quer pelo lado amadorista, quer pelo lado profissional, quer ainda pelo estímulo de rivalidade que a própria situação criaria.

O que aconteceu, porém, foi que, passados os primeiros momentos de quimérica agitação pela novidade do futebol profissional, ei-lo numa fase de decadência! Ei-lo retalhando a família esportiva que, por todos os meios, busca no amadorismo as sensações da prática do esporte ou a apreciação dos que, despretensiosamente, se lançam nas emoções que só um esporte puro pode dar!

Fizéssemos o profissionalismo, mas não se tirasse do amadorismo a glória que tantos esforços lhe custaram!

Fizéssemo-lo, mas sem nos esquecermos de que si o profissionalismo é corpo, o amadorismo é alma: este cria o que pretende utilizar, enquanto aquele apenas utiliza o que já está feito!

Fizéssemos o profissionalismo futebolístico, mas cuidássemos de um amadorismo duas vezes mais forte, capaz de poder supri-lo, afim de não advir o descaso que o futebol, senhor absoluto, está sofrendo de seus vassallos!